

**OLHARES SOBRE AS NASCENTES DO RIO SÃO FRANCISCO: RELATOS
DE VIAGEM DO FRANCÊS SAINT-HILAIRE**

Laís Medeiros Cavalcante

Profa Dra. Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande

[\(laishistoria@yahoo.com.br\)](mailto:laishistoria@yahoo.com.br)

Dentro da História e suas inúmeras vertentes a Ambiental é considerada enquanto um campo novo, que teve seu início no final da década de 1960 e início da de 1970, devido à grande preocupação com o que se entendia por natureza e meio ambiente, um momento de efervescências culturais, no sentido mesmo de reavaliações e reformulações das idéias vigentes. Uma marca dessa vertente é a utilização da interdisciplinaridade, pois seus integrantes irão a todo o momento beber da fonte de outras disciplinas tais como a ecologia, antropologia, geologia e outras mais. Nos EUA tem grande visibilidade, até mesmo por estar aí o centro das resoluções dos problemas ambientais encontrados atualmente.

Segundo Donald Woster, um dos grandes nomes dessa área, em sua obra *Para fazer história ambiental*. Estudos Históricos, os historiadores ambientais aparecem como aqueles que têm uma nova proposta. Essa teria a preocupação inicial de perceber o meio ambiente enquanto elemento fundamental na formação da realidade social de determinado lugar e tempo – salientando a importância de se colocar tal condição não como exclusiva, pois os fatores socioculturais também participam desse processo – como se pode perceber nesse trecho do livro

“Seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo

ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados.”¹

Tenta-se, portanto de colocar o homem como ser inserido no ecossistema que se diferencia dos demais por ser um organismo produtor de cultura. É nesse sentido que esse estudo se baseia. O historiador ambiental busca analisar a atuação dos homens enquanto os sujeitos responsáveis pelas mudanças em seu meio, principalmente através da tecnologia que cria, e quais foram às marcas deixadas por suas ações – as ciências sociais tem forte resistência a tal caminho, talvez na tentativa de não correr o risco de cair em algum tipo de determinismo. Também vai ser confrontado constantemente pela questão do espaço onde as decisões ou marcas da atuação do homem permanece preservada em se tratando das questões climáticas, o solo, a vegetação e ecossistemas assim como influências genéticas; importante para deixar de lado a idéia de que os elementos socioculturais são os únicos fatores que colaboram na construção da história humana.

Ainda dentro dessa mesma linha chega-se ao fato dos humanos serem também parte integrante do conceito de natureza, na medida em que ocupam uma área como se vê na obra do botânico e viajante francês Saint-Hilaire, *Viagem às nascentes do rio São Francisco* – onde faz um relato deveras rico dos diversos aspectos ligados a ecossistema que dá nome ao livro, sua ocupação, utilização e a partir desses a vida social daqueles que lá viveram nas cinco primeiras décadas do século XVIII - , em que fala de homens e suas famílias que chegaram de outra localidade aqueles lugarejos que circundam a região das nascentes do rio e, a sua maneira, produzem artifícios para sua sobrevivência modificando assim a paisagem que encontraram. Mas, também se tem a natureza enquanto algo que existiu e continuará assim mesmo sem a intervenção do homem, com parte independente dele.

José Augusto Drummond quando fala sobre fontes utilizadas por historiadores ambientais em seu artigo *A HISTÓRIA AMBIENTAL: temas, fontes e linhas de pesquisa*, e afirma serem muito interessantes os relatos dos viajantes, principalmente os europeus, enquanto fonte para estudos cita o colocado no parágrafo acima. Drummond vai tratar também da questão

¹ Doing environmental history. Texto extraído de Donald Worster, Ed. *The ends of the Earth – perspectives on modern environmental history* (Cambridge, Cambridge University Press, 1988) p.289-307.

da noção de tempo enquanto produção cultural nesse meio de pesquisas ecológicas, que se distinguiu muito quando comparado ao dos historiadores culturais e sociais. Ele observa que “o tempo da ‘história natural’ e os próprios fatos naturais não se misturam com o tempo da ‘história social e com os fatos sociais, para quase todos os cientistas sociais” (DRUMMOND, José Augusto. In. A HISTÓRIA AMBIENTAL: temas, fontes e linhas de pesquisa. P. 3). A história ambiental pretende então, nesse aspecto, fazer uma reforma e conciliar o tempo social e geológico a fim de relacionar melhor sociedade e natureza.

Ainda dentro das idéias trabalhadas por Drummond no artigo citado acima, é interessante ver como ele coloca a natureza como um agente transformador e condicionador da vida do homem, de seus costumes ou produções culturais que não são nelas apenas, mas também parte do que por ela é oferecido. A cultura é tanto influenciada pelo meio ambiente quanto modificadora desse, pois é imprescindível que se reconheça a paisagem e a estabeleça enquanto tal para que sejam desenvolvidas as tecnologias necessárias para desenvolvê-la.

De maneira mais geral, dentro da paisagem encontrada pelo caminho percorrido por Saint-Hilaire é possível afirmar ser a criação de gado, assim como de rebanhos de carneiros, além dos porcos, e a lavoura os processos de produção das pessoas que ali foram residir. São locais de pouco povoamento, sendo mais comum a existência de residências isoladas assim como dos ranchos, muitos deles estando em estado crítico aos olhos do autor. Não é com surpresa que se recebe tal afirmação, visto que, desde os primórdios da colonização do sertão a pecuária aparece como principal atividade econômica sendo até mesmo introduzida com o São Francisco enquanto via de acesso desde a Bahia ao Piauí, adentrando o interior de cada um. O que poderia, em parte, justificar a grande criação de gado nessa região que compreende as nascentes do rio São Francisco seria o fato da existência de um número abundante de pastos ideais para criá-los, terreno vasto coberto por gramíneas quase que intocado. Essa é uma tradição observada ao longo do rio desde o início da colonização do Brasil pelos portugueses, introduzida ao sertão principalmente pelo filho de Duarte Coelho.

No solo encontravam-se particularidades, pois em regiões onde a terra era mais avermelhada, provavelmente bastante argiloso, a vegetação se dava de forma mais avulsa e nas terras mais escuras acontece de maneira contrária. Por outro lado, algumas áreas apresentam-se salitrosas e, portanto não sendo necessário adicionar o sal na dieta dos animais o que se tornava vantajoso, visto que, era um produto muito caro. Em outros lugares as águas minerais abstinham os fazendeiros da obrigação de dar sal aos animais, outra economia.

A agricultura também está presente em tal cenário, com menores proporções podendo-se afirmar que com o intuito de subsistência, pois são pequenas lavouras plantando artigos necessários para a sobrevivência – o milho e a farinha estão entre os elementos mais comuns na mesa desses indivíduos que residem no sertão mineiro, mas também são cultivados o algodão e o fumo, por exemplo. Mesmo não sendo esse o foco econômico de tal região, o botânico e viajante afirma ter a terra capacidade para alimentar um número bem maior de indivíduos do que o que lá já existia, se referindo tanto a possibilidade de aumentar o cultivo quanto da criação de gado por causa dos vastos campos existentes nas partes planas, ideais para servirem como pastos.

Os pastos eram queimados, em algumas áreas somente quando chega o fim da seca e em outras onde o capim não seca ateia-se fogo a qualquer momento. O botânico francês observou ser maior a quantidade de insetos nas regiões em que havia a queima das pastagens, apresentando então enquanto consequência das queimadas.

Outra atividade com visibilidade é a caça daquele ecossistema, levando a existir já no século XVIII falas relacionadas à diminuição das espécies e dos animais, havendo já uma observação no sentido de perceber um movimento de certa forma de extinção. Dentro dessa prática tem-se o couro como produto extremamente utilizado, não só no sertão de Minas Gerais como em toda sua extensão pelo país. Algumas passagens sobre o assunto são encontradas na obra *Capítulos da História Colonial*, do cearense Capistrano de Abreu, onde o mesmo diz

“De couro era a porta da caba, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupas, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material para os aterros era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se o tabaco para o nariz”.² (ABREU. 1945. p. 67)

Mesmo em declínio no século XVIII, a mineração foi a atividade que alavancou a economia mineira. Sobre isso Capistrano de Abreu dá dados bastante específicos como os

^{2 2} In. ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colônia*. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/Briguiet & Cia, 1954.

números de produção desde meados do século XVII; foram três mil e quinhentas arrobas de ouro entre os anos de 1801 e 1820. Para o escoamento do minério extraído passou a se cobrar taxas de entradas, inclusive para entrar e transportar produtos pelo São Francisco. Sobre a decadência o autor vai apontar como causas a pobreza dos mineradores, a extração má organizada e administrada, a falta de negros para realizar o trabalho e a divisão das fábricas por ordem hereditária. Mas o fato de se explorar sem um planejamento, de forma desenfreada e sem fiscalização levou a findar o êxito de tal atividade – o que levou a população a se voltar para outros tipos como a criação de gado e a agricultura, de fumo, algodão, dentre outras.

Outro ponto importante para a composição do cenário de viagem de Saint-Hilaire é a visão dele em relação a como e por quem foi formada a população que habitava as áreas por onde passou. No capítulo XI há uma rica descrição dos moradores da comarca de Paracatu – que pode ser colocado como sua visão geral dos indivíduos encontrados em sua aventura – bastante rica ao mesmo tempo em que receosa. Através de seu olhar pode-se traçar o seguinte perfil: as pessoas que ali viviam não eram apenas agricultores com lavouras bem ou mal sucedidas, mas também aqueles que procuraram a região para estabelecê-la como refugio, “... aquele longínquo recanto se tinha transformado em asilo para pessoas que, tendo cometido algum crime ou devendo dinheiro à Coroa, tinham fugido de Minas.”³ (SAINT-HILAIRE.1975. p.118)

Saint-Hilaire faz uma ligação do comportamento moral dos habitantes de Paracatu com as características daquela região, grandes campos com gramíneas, bastante propício para criação de gado, além de ser um território de geografia acidentada. De acordo com sua lógica esses homens, já possuidores de má índole no caso dos criminosos que lá estão refugiados, perdem a capacidade de viver em comunidade numa área onde existem poucos locais com concentração de pessoas. Em muitos capítulos o autor relata a pouca quantidade de casas – todas consideradas por ele em má condição, mesmo as fazendas daqueles com maior poderio econômico a casa do fazendeiro era bastante semelhante ao alojamento dos escravos, feitas de barro, com pouca iluminação – encontradas pelos caminhos explorados, são mencionados alguns arraiais e fazendas, mas o que predomina são residências dispostas de maneira aleatória e não necessariamente próximas das outras. Essa característica também é colocada por ele como

³ In. SAINT-HILAIRE. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Ed. Itatiaia. São Paulo – SP, 1975. P.118

responsável pelo aumento da criminalidade, baseado em depoimentos dos que o acolheu e na ocorrência de um assassinato quando no povoado de Formiga.

Um ponto em comum entre as pessoas residentes dos locais visitados por ele era o fato de ser mal vistas, não terem boa reputação. Capistrano de Abreu também vai relacionar o posicionamento esparso dos habitantes e suas residências com a dificuldade em se arrecadar impostos, tanto em Minas Gerais como na Bahia, Goiás e Mato Grosso.

A história ambiental tem um caráter regionalista por traçar linhas e analisar determinadas regiões com características relativamente comuns, gerais. Um caso curioso e explicitador dessa afirmativa foi narrado por Saint-Hilaire é o do arraial de Pium-i, localizado em território de relevo plano, próximo as serras do Andaime e da Pimenta além da serra da Canastra, com vegetação de cerrado. Ele informa que a história de tal arraial tem início no desejo de combater negros fugidos que se ali se encontravam refugiados e que supostamente representavam perigo aos poucos agricultores que por lá se estabeleceram, ou seja, naquelas terras antes encontrava-se um quilombo. Quando destruído o quilombo estabeleceu-se um núcleo habitacional permanente e iniciada a extração de ouro, que não vingou por serem os custos maiores que os lucros. Partem então para a prática da agricultura para se ganhar a vida. Atualmente a cidade vive em torno das culturas de milho, feijão além de ser grande pólo de café de Minas Gerais.

Diante de todos esses dados e casos estudados pôde-se então construir o cenário das nascentes do rio São Francisco, em meados do século XVIII. Para realização de pesquisas no campo da história ambiental os relatos de viajantes são deveras importantes, visto que são as percepções das regiões dos mesmos, reconstituições das paisagens.

Bibliografia

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

DRUMMOND, José Augusto. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 177-197.
1. *A HISTÓRIA AMBIENTAL: temas, fontes e linhas de pesquisa.*
www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/84.pdf 13 de novembro de 2009.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. 1975. Viagem às nascentes do rio São Francisco. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade São Paulo. p. 63-132.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, pp. 198-215, 1991. p. 198-199. www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/85.pdf 13 de novembro de 2009.